

## O PROCESSO DE ORIENTAÇÃO/ESCRITA NA PERSPECTIVA DOS/AS ORIENTADORES/AS NA PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU

Edilene Eva de Lima<sup>1</sup>  
Paula Cortinhas de Carvalho Becker<sup>2</sup>  
Sadi Rodrigues da Silva<sup>3</sup>

**Resumo:** O texto apresenta os resultados da pesquisa realizada por alunos de doutorado de um Programa de Pós-Graduação de uma Universidade pública do Sul do Brasil, sobre o processo de orientação como uma pedagogia/didática e suas possibilidades de ser ensinada/aprendida. O objetivo foi conhecer o processo de orientação/escrita na perspectiva dos/as orientadores/as de Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* no âmbito das áreas humanas e sociais. O trabalho foi desenvolvido no *Seminário Especial Teoria e Prática da Pesquisa, da Escrita e da Orientação na Pós-Graduação Stricto Sensu*, ofertada no Curso de Pós-Graduação em Educação no semestre 2017.2. A investigação envolveu sete professores dos programas de pós-graduação *stricto sensu* do Centro de Filosofia e Ciências Humanas e do Centro de Ciências da Educação. A pesquisa ancorou-se metodologicamente em abordagens qualitativas, seguindo por dois caminhos metodológicos complementares: A pesquisa bibliográfica, orientada pelos autores que analisam o tema da orientação nos cursos de pós-graduação a partir de diferentes enfoques e a pesquisa empírica, com a análise da coleta das entrevistas realizadas com professores orientadores que aceitaram participar. Os resultados obtidos confirmam a importância do orientador em todo o processo de formação de novos orientadores assim como revelam a importância da orientação coletiva, como um espaço de trocas e socializações, integrando a pesquisa coletiva com a individual. Por fim, destaca-se que o processo de orientação materializa o ser pesquisador culminando não somente com a elaboração do conhecimento novo, mas também, com a formação do novo sujeito pesquisador e futuro orientador.

**Palavras-chave:** Processo de Orientação. Escrita. Pós-Graduação *stricto sensu*. Formação do Pesquisador.

---

1 Doutoranda em Educação no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Bolsista CNPq. Orientadora Educacional. Membro do Grupo de Pesquisa em Currículo – Itinera- UFSC. Endereço eletrônico: edilimaee@gmail.com.

2 Doutoranda em Educação no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Professora da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis/SC. Membro do Grupo de Pesquisa em Currículo – Itinera. Endereço eletrônico: paulacortinhas@gmail.com.

3 Doutorando em Educação no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Professor da Rede Estadual de Ensino de Santa Catarina, Florianópolis/SC, Brasil. Membro do Grupo de Pesquisa em Currículo - Itinera. Endereço eletrônico: profsadi@yahoo.com.br



## THE PROCESS OF ORIENTATION / WRITING FROM THE PERSPECTIVE OF / AS GUIDELINES / POST GRADUATION STRICTO SENSU

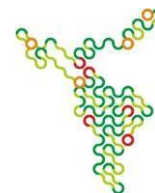
**Abstract:** The text presents the results of the research conducted by doctoral students enrolled in a Post Graduation Program in a Brazilian public university, concerning the orientation process as a pedagogy/didactic and its teaching/learning possibilities. The goal was understanding the orientation/writing process in the postgraduate advisors perspective, *stricto sensu* in the human and social science areas. The paper was developed during the Seminary for Theory and Practice of the Research, Writing and Orientation in Postgraduate Programs, offered by the Education Postgraduate Program in the second semester of 2017. The study involved seven professors of the Human Sciences and Education postgraduate programs. The research was anchored on the qualitative approach, following two complementary methodological paths: the bibliographic research, advised by the authors who analyse the orientation theme on postgraduate programs under different approaches, and the empirical research, with the analysis of the interviews with advising professors who participated of the study. The obtained results confirm the importance of the advisor through the whole process of training new advisors, as well as the importance of the collective orientation as a socializing and learning environment, integrating the collective and individual research. Finally, it is highlighted that the orientation process materializes the advisor, culminating not only with the elaboration of new knowledge, but also with the formation of a new researcher and future advisor.

**Key-Words:** Orientation process. Writing. Postgraduate programs. Researcher's formation.

### INTRODUÇÃO

O presente texto apresenta os resultados da pesquisa realizada por alunos de doutorado em educação sobre o processo de orientação como uma pedagogia/didática e suas possibilidades de ser ensinada/aprendida. Esse trabalho foi desenvolvido no *Seminário Especial Teoria e Prática da Pesquisa, da Escrita e da Orientação* na Pós-Graduação *Stricto Sensu*, ofertada no Curso de Pós- Graduação em Educação de uma Universidade pública de Santa Catarina, no semestre 2017.2. A pesquisa envolveu professores dos programas de pós-graduação *stricto sensu* dos Centros de Filosofia, Ciências Humanas e Educação que se disponibilizaram em participar de entrevista.

Está organizado em três partes. A primeira refere-se à introdução e aos procedimentos metodológicos adotados para a realização da pesquisa sobre o processo de orientação/escrita na perspectiva dos/as orientadores/as na Pós-



Graduação *stricto sensu*. Na segunda parte é apresentada a análise dos dados obtidos por meio das entrevistas com fundamentação teórica em autores estudados no decorrer do Seminário. Por último, é apresentada uma breve consideração a respeito do processo de orientação realizada pelos professores/as entrevistados/as.

Em relação aos procedimentos metodológicos, elaboramos um roteiro que orientou a entrevista realizada com professores dos Programas de Pós-Graduação *stricto sensu* do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH) e do Centro de Ciências da Educação (CED), de uma Universidade pública catarinense. O instrumento de coleta de dados constitui-se de cinco partes as quais abordam questões relacionadas as seguintes dimensões: Identificação do entrevistado; função de orientador; processo de orientação; relação orientador/orientando; e principais experiências como orientador.

A entrevista teve como objetivo conhecer o processo de orientação/escrita na perspectiva dos/as orientadores/as de Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* no âmbito das áreas humanas e sociais. Assim, definimos o CFH e o CED como locais de pesquisa. Realizamos um levantamento junto à secretaria dos Programas de Pós-Graduação para identificar os possíveis professores/as participantes.

Como pontuamos, o roteiro de entrevista foi organizado sob os diferentes aspectos que envolvem a orientação. Sobre a função do orientador procuramos saber como o professor entrevistado passou da condição de orientando para orientador. Gostaríamos de saber se, quando começou a exercer esta função, já possuía alguma experiência como orientador. Era importante saber também se o professor teve alguma formação específica para orientar no âmbito da pós-graduação *stricto sensu* e de que forma se deu sua inserção como orientador no curso.

Em relação ao processo da orientação questionamos sobre quais critérios são estabelecidos para escolha dos orientandos e como o professor organiza e/ou planeja o processo de orientação. A frequência e a forma como acontecem os encontros de orientação foram outros aspectos de interesse da pesquisa.

Para saber sobre a relação orientador/orientando elaboramos questões



relacionadas a avaliação do próprio professor sobre este processo. Nossa intenção era saber se há uma relação de poder entre orientador e orientando, se esta relação é verticalizada, horizontal, institucionalizada. Outra questão foi saber sobre qual a reação do orientador quando o orientando apresenta uma posição ideológica, política epistemológica diferente da sua.

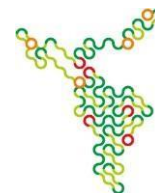
Sobre as principais experiências como orientador solicitamos que os professores nos contassem um caso de sucesso de orientação e outro que tenham vivenciado alguma dificuldade ou situação não tão positiva em relação ao processo de orientação.

As entrevistas foram realizadas individualmente em datas agendadas de acordo com a disponibilidade dos/as professores/as envolvidos/as, nos meses de outubro e novembro de 2017. Ao todo foram realizadas sete entrevistas, sendo seis representantes do CFH e um do CED. Foram denominados de E1, E2, E3, E4, E5, E6 e E7, com a intencionalidade de preservar a identidade.

No início de cada entrevista procuramos identificar a instituição de trabalho, o tempo de atuação na instituição e o tempo de trabalho como professor orientador. Dos/as sete entrevistados/as seis atuam no Centro de Filosofia e Ciências Humanas, sendo que quatro são do Programa de Pós- Graduação em Psicologia, um do Programa de Pós-Graduação em Filosofia e um do Programa de Pós-Graduação em Geografia e Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas. O/a entrevistado/a do Centro de Ciências da Educação atua no Programa de Pós-Graduação em Educação.

Em relação ao tempo de atuação na instituição, três entrevistados/as têm menos de dez anos de atuação na Universidade; dois têm em torno de vinte anos; um afirma trabalhar há trinta anos na instituição; e um tem mais de cinquenta anos de atuação no Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Sobre o tempo de trabalho como orientador no Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* apenas dois tem menos de três anos de atuação. Os demais têm de doze a trinta e quatro anos de experiência com orientação.

Após a realização das entrevistas elas foram transcritas e analisadas com base nas questões previamente construídas e que serão apresentadas neste texto. Utilizamos, também, alguns autores, dentre os quais Ana Maria Neto



Machado (2002), Gilka Girardelo (2008), Lucídio Bianchetti (2002, 2008), Osorio M. Marques (2006), Remi Hess (2005) para fundamentar nossas análises.

## **2 O PROCESSO DE ORIENTAÇÃO NA VOZ DOS/AS PROFESSORES/AS ORIENTADORES/AS**

Nas entrevistas realizadas, os/as professores/as entrevistados/as relataram o processo de orientação/escrita na perspectiva de orientadores. Suas falas contribuem com nossa reflexão sobre o processo de orientar e ser orientado. Assim, apresentamos a análise dos dados conforme as dimensões apresentadas anteriormente.

Sobre a passagem da condição de orientando para orientador, todos os entrevistados relatam que não tiveram nenhuma formação específica, o aprendizado se deu pelas experiências. Dizem ainda que iniciaram nesta função como orientador/a com a inserção no Programa de Pós-Graduação *stricto sensu*. Ficou revelado que são as experiências como orientador/a, por vezes ainda no doutoramento, que contribuem para a atuação como professor orientador. Constatamos, então, que a condição de orientador no âmbito dos programas *stricto sensu* se dá, na maioria dos casos, com a prática.

Há relatos de que a atuação docente na graduação também possibilitou experiências como orientador/a. E1 relata que sua experiência como orientador/a se constituiu com “orientações de estágio e iniciação científica na graduação”. E2 também coloca que sua experiência se deu “na educação *lato sensu*, na graduação, nos trabalhos de conclusão da graduação, nas orientações de iniciação científica, e de trabalhos de especialização *lato sensu*”. Assim, a atuação na universidade em diferentes âmbitos possibilitou experiências para se tornar orientador/a de programa *stricto sensu*.

A pesquisa mostra também que a relação que o professor orientador teve com seu orientador no processo de sua formação também é fator importante para sua atuação. E2, por exemplo, afirma que sua formação “consiste no exemplo dos seus orientadores”. Ao analisar as entrevistas percebemos que não houve formação específica para os/as professores/as atuarem como orientadores, apesar de ser uma condição de todos que ingressam em Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu*. Assim, a prática e as experiências



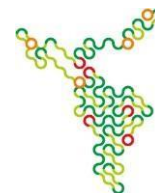
com seus próprios orientadores, com os colegas de pós-graduação e com alunos de graduação é que dão os elementos básicos para a formação e condução deste trabalho de professor/a orientador/a.

Os/as entrevistados/as, embora não tenham realizado uma formação específica para a orientação, concordam que aprenderam orientar a partir do seu processo de formação, com os grupos de pesquisa e socialização promovidos por seus professores durante o doutoramento, na prática quando iniciaram as orientações e a partir das suas experiências e vivências com seus orientadores. Ou seja, o processo formativo que os levou a apresentarem condições, analisadas institucionalmente, autorizando-os a inserir-se enquanto orientadores na pós-graduação.

Hess (2005), renomado intelectual francês, reconhecido e referenciado no meio acadêmico, relata em sua publicação intitulada *Produzir sua obra: o momento da tese* que também percorreu, de certa forma, os mesmos caminhos de nossos entrevistados. O autor afirma que se formou orientador a partir das suas vivências, formação acadêmica e influência exercida por intelectuais das diferentes áreas que o auxiliaram no seu percurso formativo. E coloca ainda “[...] para que um pesquisador faça sua carreira, necessita tornar-se “especialista”. Reconheci e aceitei em mim um espírito transversal, e meu encontro com intelectuais que estavam com as mesmas disposições de espírito encorajou-me” (HESS, 2005, p. 32).

Sobre o processo de orientação questionamos, inicialmente, sobre os critérios para escolha dos orientandos. Todos os/as entrevistados/as relatam sobre o processo seletivo organizado pela instituição de ensino. Assim, os próprios Programas de Pós-Graduação *stricto sensu* definem alguns critérios como a prova escrita, a análise do *curriculum vitae*, a apresentação de um projeto de pesquisa e a arguição. Para os/as professores/as, é nesta última etapa que se tem uma aproximação com os/as candidatos/as.

E2 relata que se deixa “levar pela emoção e pelos aspectos que o candidato deixa mostrar na arguição”. Diz ainda que gosta de “ver gente empolgada, animada e que vê a pós-graduação não somente como um título, mas como realização do projeto de vida”. Em contraposição, E4 é direto ao



afirmar que seus critérios de escolha são: “curiosidade científica, um bom projeto de pesquisa e uma boa redação científica”.

Sobre a escrita, considerando o tempo de duração dos cursos na Pós-Graduação *stricto sensu*, principalmente no mestrado, E5 diz que “Isso dá muito trabalho pra gente. Tem gente que não sabe escrever”. Esta fala revela que os alunos da pós-graduação deveriam saber escrever academicamente e procurar exercitar a escrita e torná-la uma ação rotineira em seu percurso de pesquisador. Ainda assim, acreditamos que cabe ao/a professor/a acompanhar e orientar este processo de escrita; é ela que movimenta o processo de orientação. Talvez por este motivo torna-se uma preocupação dos/as professores/as desde o processo de seleção dos/as candidatos/as para ingresso em cursos de pós-graduação *stricto sensu*. Marques (2006, p. 93) ressalta em seu livro *Escrever é preciso: o princípio da pesquisa* que “[...] não se faz ciência sem escrever [...]” e que essa é a forma que os pesquisadores se comunicam com a comunidade científica.

A fala dos/as entrevistados/as revela que, além do/a candidato/a corresponder às exigências institucionais impostas ao critério de seleção, necessitam apresentar algumas credenciais que os/as orientadores/as consideram fundamentais para estar na pós-graduação. Afinidade pelo tema de pesquisa, maturidade e experiência profissional, temas que instiguem novidade, apresentar uma boa escrita, são condições que de certa forma revelam antecipadamente, aos futuros orientadores, se o/a candidato/a apresenta ou não condições de desenvolver um bom trabalho.

Estes e outros critérios, de certa forma, também são revelados por Hess (2015) quando manifesta a forma como se deve selecionar os orientandos:

Antes de aceitar um estudante em tese, o professor de faculdade faz sua enquete junto a ele: seu eventual doutorado já tem um conjunto de dados? Seu tema é gerível dentro dos prazos? Ele tem os meios financeiros para assegurar a si próprio e a sua pesquisa? Se um estudante tem problemas familiares, dificuldade de emprego, ou se encontra em um contexto existencial crítico, o diretor duvidará de sua eficácia para desenvolver a pesquisa dentro do tempo atribuído [...] (HESS, 2015, p. 64).

Assim, são diferentes os elementos que levam os/as professores/as a realizarem suas escolhas. Outro aspecto questionado na entrevista foi sobre a organização do processo de orientação. Constatamos que os/as professores/as



orientadores/as propõem encontros individuais e coletivos, com o grupo de pesquisa e/ou laboratório. Para E5, o encontro coletivo é “interessante e enriquecedor, pois dá uma sustentação teórica e é bom para desenvolvimento de habilidades que contribui para o momento de qualificação e defesa”.

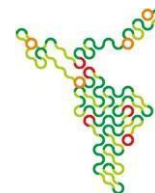
Sobre os encontros com os/as orientandos/as, Saviani (2002) nos relata como foi aprendendo ao longo da sua atividade enquanto orientador a trabalhar concomitantemente com as duas alternativas, os encontros coletivos e os individuais. Ouvindo os alunos individualmente, sobre seus temas e problemas de pesquisa, progressivamente passou a adotar a forma coletiva de orientação, reunindo grupos de orientandos, inclusive, incluindo orientandos formalmente inscritos com outros orientadores, para a discussão dos projetos e das diferentes fases da pesquisa, de cada um dos alunos.

Nas falas, observa-se que os/as professores/as orientadores/as consideram na organização da forma como orientam, incluir momentos de encontros, reflexões e trocas entre seus orientandos, para que possam ter conhecimento das produções de todos e este possa auxiliar para enriquecer seus próprios caminhos de pesquisa e busca do conhecimento. Garcia e Alves (2002) se posicionam sobre o princípio da orientação coletiva e do olhar do outro, não como tarefa fácil, mas necessária, para a melhoria da qualidade dos trabalhos, para nos ajudar e interrogar os dados que vamos reunindo, para as trocas e leituras críticas dos dados empíricos, para a identificação dos atalhos que fujam aos caminhos já conhecidos e que possam nos revelar o até então desconhecido.

A maioria dos entrevistados/as coloca que a frequência com que os encontros individuais acontecem depende de cada orientando, de suas necessidades, de suas produções escritas. E1 coloca que orienta “a partir da produção da escrita. Eu digo que não existe pesquisa sem escrita da pesquisa”. Esta fala nos apresenta a escrita como um elemento importante no processo de orientação.

A escrita na pós-graduação que, segundo Girardello (2008), compõe o texto acadêmico tem por função socializar o conhecimento produzido, portanto deve ser claro, ter rigor conceitual e encadeamento lógico, apresentar uma





argumentação rica sem ser redundante, apresentar os padrões da norma culta e as exigências técnicas, e para isto há que se ter uma atenção nas etapas da produção textual. Para a autora, cada etapa de organização da escrita só se alcança com o exercício da própria escrita, em usar “o fio da escrita” como método para descobrir o que temos a dizer. “Nesse sentido é que estamos lembrando aqui o valor de usarmos a própria escrita não apenas como forma de dizer o que já sabemos, mas sobretudo como espaço para descobrir e criar nexos e configurações entre os materiais que pesquisamos” (GIRARDELLO, 2008, p. 289).

Sobre o trabalho realizado nos grupos de pesquisa os/as orientadores/as relatam que contribui de alguma forma com o processo de orientação dos orientados. E2 diz que “o grupo de pesquisa também é uma forma de orientação”. Outro orientador/a coloca que no grupo de pesquisa acaba acontecendo um “processo de capacitação interno”. Eles têm um planejamento no qual os alunos de pós-doutorado atuam, em alguns momentos, como tutores discutem os projetos, as publicações, organizam seminários e cursos.

Observamos que os processos de orientação são distintos. Cada orientador organiza seus encontros conforme quantidade de orientandos, necessidades e interesses dos orientandos, tipo de pesquisa. Tantos os encontros individuais quanto os coletivos são considerados importantes pelos entrevistados. A produção escrita dos orientandos aparece como um elemento importante deste processo.

Sobre a relação orientador e orientando solicitamos a avaliação do/a orientador/a sobre sua função. As entrevistas revelam que os orientadores prezam por uma relação próxima e ao mesmo tempo respeitosa com os orientandos. Também foi possível observar que os professores se preocupam em orientar aspectos que envolvem o projeto de pesquisa, como o objeto por exemplo, mas respeitando o interesse do aluno e sua autonomia na produção.

Embora que o bom relacionamento apareça como um aspecto positivo no processo de orientação, na opinião dos/as entrevistados/as há uma relação de poder entre orientador e orientando. E2 coloca que “as relações dentro das instituições escolares são institucionalizadas isso é da própria cultura escolar”.



E para E4 “não existe relação humana sem relações de poder”. Os depoimentos citados revelam que a relação de poder existe num Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* e são reconhecidas pelos orientadores.

As falas dos/as entrevistados/as evidenciam a necessidade de estabelecer um vínculo de respeito, em aproximar-se de seus orientandos para manter uma relação próxima, confiável e afetuosa, ao mesmo tempo em que também apontam a necessidade de se estabelecer um papel de autoridade, especificamente quando isto implica cumprir com as exigências institucionais. Enfim, parecem ser muitas as atribuições de um orientador, sem contar que cada novo orientando que chega traz suas especificidades. Segundo Hess (2015), nenhum tema ou campo de pesquisa é comparável a outro, cada um é uma empreitada completamente nova e “este trabalho consiste em saber permitir cada um trabalhar suas diferenças, as solicitações dos estudantes, as competências, aquisições e disposições uns dos outros, as inserções pessoais e profissionais, não são as mesmas para cada um. O trabalho, portanto, deve ser repensado a cada vez” (HESS, 2015, p. 52).

Severino (2002), coloca que, a relação entre orientador e orientando, no contexto da formação da pós-graduação, deve ser entendida como um processo de construção solidária, num intercâmbio de experiências que se encontram em fases diferentes. Segundo o autor, trata-se de um relacionamento, por sua duração e intensidade e como todo relacionamento é atravessado por momentos delicados da formação humana, mas que, no entanto, ambas as partes devem se conscientizar que se trata de uma relação essencialmente educativa.

Sobre a relação orientador/orientando as entrevistas revelam que, apesar de haver uma relação de poder institucionalizada nos cursos de Pós-Graduação *stricto sensu*, os orientadores consideram importante estabelecer uma boa relação com os orientandos. A proximidade e o respeito aparecem como elementos de uma relação saudável para o andamento do trabalho de pesquisador. As possíveis diferenças teóricas ou metodológicas são aceitáveis e até consideradas como possibilidades de aprendizagem pelos orientadores.

Para saber das principais experiências como orientador solicitamos que o



professor nos contasse um caso de sucesso de orientação e um caso de fracasso de orientação. E1 relatou experiências de sucesso com orientandos com os quais ainda mantém contato. E2 também segue nessa mesma linha, considera que o sucesso “é quando conseguem também estabelecer uma relação de amizade”. As entrevistas revelaram que uma relação que segue ao término do curso, ainda que não tenha mais um convívio frequente, é considerada um sucesso.

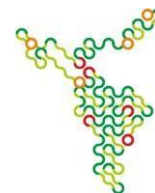
Também ouvimos as experiências não tão boas, consideradas um fracasso ou insucesso de orientação pelos professores. E4 considera um “insucesso” quando “o aluno não tem noção do que realmente significa uma pós-graduação *stricto sensu*”. Esta fala revela um desapontamento em relação aos orientandos que não cumprem seu papel de mestrando ou doutorando. Nesse mesmo caminho E3 que diz que a “não produção do aluno, quando ele não lê, não traz perguntas, não escreve e não traz para a orientação sua produção para conversarmos” reflete o fracasso. E5 nos disse que “quando existe uma situação limite como um abandono, uma evasão ou a necessidade de uma troca de orientador. Num primeiro momento acho que a gente vivencia esse fracasso, mas podemos ressignificar este sentimento”.

Após a análise dos dados obtidos através das entrevistas e com base nos autores estudados na disciplina, apresentamos a seguir uma breve consideração a respeito do processo de orientação realizada pelos professores/as entrevistados/as.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em todo processo de formação, seja na graduação ou na pós-graduação, torna-se necessário o acompanhamento e o envolvimento do pesquisador e leitor qualificado: o orientador da pesquisa. Seu trabalho inicia com uma importante função que é a de auxiliar o orientando a descobrir o que realmente deseja pesquisar, pois o orientando não aparece sem um tema e sem uma problemática, já que ter um projeto de pesquisa é condição primeira para o ingresso na Pós-Graduação *stricto sensu*.

O trabalho inicial dos orientadores é, então, fazer uma leitura cuidadosa



dos escritos de seus orientandos, com objetivos de instigar o novo pesquisador a problematizar seu tema de pesquisa e reelaborar questões, de modo a chegar numa questão problema síntese que o mova para se debruçar na pesquisa. Nesse momento da orientação o trabalho coletivo pode ser bem significativo, já que o grupo de orientandos com o seu orientador tem um espaço de socialização dos projetos. É o momento da partilha das intenções de pesquisa, qualificada com a opinião dos colegas pesquisadores e do orientador, que já tem experiência de pesquisador, de vida e de trabalho. Isso tudo pode ampliar a autoria da escrita no novo pesquisador e encorajá-lo a ir em frente com mais segurança e autonomia na realização do estudo.

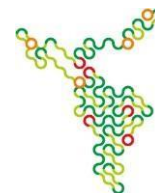
De modo geral, todo pesquisador busca desenvolver a sua própria pesquisa. Mesmo ele participando em grupo de pesquisa ou grupo de estudo, seu foco está direcionado ao seu problema

de pesquisa. Quando os orientandos não estão envolvidos no seu tema ou objeto de pesquisa, o processo de orientação impõe a separação necessária das pesquisas do grupo e do orientador com as pesquisas de cada orientando. Cabe ao orientador definir as tarefas de seus orientandos em cada fase das pesquisas, seja do grupo de pesquisa, seja da dissertação ou da tese, e, seus respectivos prazos de execução.

Neste sentido, cada orientando terá envolvimento em pesquisa com uma temática geral, mas ao mesmo tempo desenvolverá a pesquisa de seu desejo de pesquisador. Trata-se de um trabalho que integra a pesquisa coletiva com a pesquisa individual, fortalecendo-o como pesquisador e superando o medo e a insegurança para o momento da escrita, da publicação e da defesa da dissertação ou da tese e do conhecimento novo que esta produziu.

Portanto, o processo de orientação materializa o ser pesquisador. Inicia com a intenção de um estudo na trajetória de cada ser humano buscar novos conhecimentos a partir de um tema e um problema que está a lhe inquietar. E culmina não apenas com a elaboração do conhecimento novo, tão necessário nos tempos presentes, mas também com a formação do novo sujeito pesquisador.

A realização dessa pesquisa desenvolvida junto a



professores/orientadores na Pós- Graduação *stricto sensu* possibilitou, também, a reflexão sobre nossos próprios processos de orientação. Percebemos que manter uma boa relação com nossos orientadores e colegas contribui para nosso amadurecimento e com nosso processo de escrita.

## REFERÊNCIAS

GARCIA, Regina Leite, ALVES, Nilda. A necessidade da Orientação Coletiva nos estudos sobre cotidiano – duas experiências. In: BIANCHETTI Lucídio, MACHADO, Ana Maria Netto. (orgs.). **A Bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações**. Florianópolis: Ed. Da UFSC; São Paulo: Cortez, 2002.

GIRARDELO, Gilka. A escrita antes do texto: de cozinhas, teares e ateliês. In: BIANCHETTI Lucídio, MEKSENAS Paulo (org.), **A trama do conhecimento: Teoria, método e escrita em ciência e pesquisa**. Campinas, SP: Papirus, 2008, p. 287 – 300. (Coleção Papirus Educação).

HESS, Remi. Produzir sua obra: **O momento da tese**. Apresentação de Christiane Delory – Momberger; tradução de Dr. Sérgio da Costa Borba e Dr. Davi Gonçalves. Brasília: Liber Livro Editora, 2005. 187 p. (Série Pesquisa;11).

MACHADO, Ana Maria Netto. A relação entre a autoria e a orientação no processo de elaboração de teses e dissertações. In: BIANCHETTI, Lucídio (org.). **Trama e Texto: leitura crítica: escrita criativa**. 2ª ed.; v. 1. São Paulo: Summus, 2002, p. 185-190.

MARQUES, Mario Osorio. **Escrever é preciso: o princípio da pesquisa**. 5ª ed., v.1, Ijuí: Ed. Unijuí, 2006.

MATTOS, Valéria de Bettio. **Pós-Graduação em tempos de precarização do trabalho: um estudo sobre o alongamento da escolarização entre os mestrandos da UFSC**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

SAVIANI, Dermeval. A pós-graduação em educação no Brasil: Pensando o problema da orientação. In: BIANCHETTI Lucídio, MACHADO, Ana Maria Netto. (orgs.). **A Bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações**. Florianópolis: Ed. Da UFSC; São Paulo: Cortez, 2002.



SEVERINO, Antônio Joaquim. Pós-Graduação e Pesquisa: O processo de produção e de sistematização do conhecimento no campo educacional. In: In: BIANCHETTI Lucídio, MACHADO, Ana Maria Netto. (orgs.). **A Bússola do escrever**: desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações. Florianópolis: Ed. Da UFSC; São Paulo: Cortez, 2002.